



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **O TEXTO NO LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS: QUAL A ORIENTAÇÃO DO MANUAL DO PROFESSOR?**

Renato de Araujo; Linduarte Pereira Rodrigues

Universidade Estadual da Paraíba  
renatoozem@gmail.com; linduarte.rodrigues@bol.com.br

**Resumo:** Os textos presentes no meio social da comunidade escolar precisam ser foco de ensino/estudo nas aulas de Língua Portuguesa (LP) do Ensino Básico. Diante disso, indagamos acerca do modo como o livro didático e o manual do professor de língua portuguesa orientam o uso dos gêneros discursivos na aula de língua portuguesa. O estudo objetiva demonstrar o arranjo textual promovido pelo livro didático de português, verificando a recomendação do manual do professor para o desenvolvimento do fazer docente que culturalmente se apoia no material didático. Sua importância se dá também pelo fato de promover uma reflexão sobre a utilização da semântica pelo livro didático de LP, exemplar do professor, coletado em escolas públicas das cidades de Itatuba e Fagundes - PB. O trabalho é fruto de um levantamento bibliográfico e documental de cunho qualitativo e espera demonstrar para a comunidade acadêmica que o texto e a análise linguística são elementos inerentes ao ensino/estudo de Português. Por essa razão, apoiado nas OCEM (2006), nos PCN-EM (2000) e autores como Geraldi (2000), Marcuschi (2008), defende um ensino de análise da língua que tenha como foco o texto multifacetado que provém do contexto de uso do aluno, promovendo diversos efeitos de sentidos, resultantes das experiências vividas pelo sujeito no meio social, como atesta a semântica cognitiva. A análise do material didático permitiu a compreensão de que o LDP desconsidera as recomendações dos documentos oficiais. O texto é utilizado para o ensino da gramática tradicional, promovendo o estudo de funções e formas de palavras, mas deixando de lado o campo semântico-discursivo, por isso, são desconsiderados os efeitos de sentido construídos socialmente por textos e sujeitos mediante práticas sociais, recursos de linguagem que permitem que a modalidade da análise linguística de efetive no ensino de língua materna.

**Palavras chave:** O texto na sala de aula, Semântica, Livro didático de português.

### **1 Introdução**

A todo o momento somos bombardeados por sentidos produzidos em gêneros textuais, agenciados por pessoas com finalidades e objetivos diversos. O sujeito discursivo utiliza esses textos para influenciar as atitudes e pensamentos do outro, instruindo-o a compartilhar das mesmas ideias e ações. O ser humano é um leitor e produtor de sentidos, por isso, o ensino/estudo de Língua Portuguesa (LP) precisa tomar os diversos textos presentes no meio social da comunidade escolar como foco de estudo nas aulas de LP do Ensino Básico. Com isso, o material de apoio que circula no meio escolar precisa ser repensado e analisado pelo



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

professor de língua materna. Desse modo, este trabalho parte da seguinte inquietação: de que modo o livro didático e o manual do professor de língua portuguesa orientam o uso dos gêneros discursivos na aula de língua portuguesa? Com especificidade na aula de análise linguística.

A escola deve agir de modo que o alunado compreenda que os textos utilizados por eles no processo de enunciação são estudados e refletidos em sala de aula visando à aquisição e aperfeiçoamento de habilidades e competências de produção de sentidos por meio da leitura e confecção do gênero textual. O presente estudo analisou se a orientação efetuada pelo manual do professor se concretiza na ação desenvolvida pelo material didático de LP. Este artigo se justifica pela importância de se refletir sobre a qualidade da aula de análise linguística, com foco na semântica, promovida pelo livro didático de LP analisado.

O presente estudo é fruto de um levantamento bibliográfico e documental de cunho qualitativo que consistiu no estudo de textos teóricos e a coleta de Livros didáticos de Português em escolas públicas das cidades paraibanas. O texto e a análise linguística são elementos importantes no ensino/estudo de Português, por isso, selecionamos o livro intitulado “Português: linguagens”, volume 2, Ensino Médio (exemplar do professor), de Cereja e Magalhães, adotado numa escola da rede pública de ensino das cidades de Itatuba e Fagundes – PB, para verificar o modo como o gênero discursivo é abordado pelo material didático e pelo manual do professor.

Analisamos a unidade 21, intitulada “Termos relacionais: a preposição e a conjunção”, entretanto nos detemos a analisar apenas a parte relacionada ao estudo dos operadores argumentativos tratado pela unidade como “conjunção”, observando a orientação que o manual do professor direciona as atividades concretizadas no LD. Para tanto, tomou como aporte teórico os documentos oficiais OCEM (2006), PCN-EM (2000) e autores como Geraldi (2000), Marcuschi (2008), que defendem um ensino de análise da língua(gem) que tenha como foco o texto multifacetado inserido num determinado contexto de uso, promovendo diversos efeitos de sentidos, resultantes da experiência vivida no meio social, como atesta a semântica cognitiva.



A análise da atividade permitiu a compreensão de que o manual do professor do livro didático analisado não cumpriu com o prometido e o texto é utilizado apenas para o ensino sistematizado da gramática tradicional, promovendo o estudo funcional e formal da classe de palavra conjunção, deixando de lado os efeitos de sentidos construídos socialmente pelos sujeitos discursivos.

## **2 O texto como objeto de estudo na prática da análise linguística**

É indiscutível que hoje vivemos na era digital, em que a informação corre em *bits* por segundos por meio de gêneros discursivos presentes no meio social em que estão inseridos os sujeitos discursivos. A linguagem humana, atualmente, está mais dinâmica e multifacetada, as informações estão ornamentadas por frases, imagens, palavras carregadas de sentidos. Por isso, o ensino de língua portuguesa é motivo de preocupação no que diz respeito à seleção de conteúdos que possam ser relevantes para o ensino/aprendizagem dos alunos de Ensino Médio e Fundamental. Tendo em vista que o cidadão precisa ter acesso às informações básicas da língua materna (como gêneros textuais, literatura e análise linguística) é um grande desafio para o professor de língua eleger gêneros discursivos que possam ser abordados de modo que chamem a atenção dos discentes, tornando as aulas mais agradáveis.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEM, 2006, p. 29), apontam para “a absoluta necessidade de se evocar e levar adiante o desafio de criar condições para que os alunos construam sua autonomia nas sociedades contemporâneas – tecnologicamente complexas e globalizadas”, sem correr o risco de distanciá-los dos usos linguísticos que se envolvem, os diversos campos comunicativos a que eles fazem parte. É importante que o aluno domine os conhecimentos acerca de gêneros diversos, tais como poemas, romances, lendas, piadas, rótulo de produtos, cordéis etc., mas sem ignorar os textos que fazem parte cultural de seu sistema comunicativo. O professor precisa incluir no ensino/estudo de língua materna, textos que os alunos se identificam, e apresentar-lhes outros no intuito de motivá-los a estenderem sua leitura e produção em contextos diversos.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A seleção dos textos a serem trabalhados com os alunos precisa partir do pressuposto de que o alunado possui uma vida leitora extraescolar, ou seja, a experiência do aluno com outras leituras precisa ser levada em consideração, pois os textos lidos podem ser um ponto de partida para leituras de textos mais complexos. Lakoff, apoiando-se nos estudos da psicologia cognitivista experimental dos anos 70, preocupou-se com o modo como são apreendidas as experiências humanas e a forma como a razão atua sobre a realidade para dela extrair o sentido das coisas. Sendo assim, “o significado adquire significatividade, que as pessoas vivem e experienciam em seu ambiente sociocultural” (GOMES, 2003, p. 91), entrando em contato com o mundo e organizando os conceitos das palavras, empiricamente, conforme o contexto em que for usada.

Sendo assim, o uso do texto nas aulas de línguas é algo indispensável, afinal somos produtores de textos e sentidos. Como diz Marcuschi (2008, p. 154), “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero”, ou seja, seria impossível haver comunicação verbal entre os seres humanos se não fosse por meio de um gênero textual. Então, não há porque privar nossos alunos de conhecerem melhor essas produções culturais. É essencial o trabalho com textos escritos e orais nas aulas de língua materna, lendo-os, produzindo-os e analisando-os, e não trazendo o texto como pretexto para se trabalhar as regras gramaticais sem se importar com o contexto que contribuiu para o “nascimento” do gênero trabalhado.

## **2.1 Gramática e análise linguística**

Muitos conteúdos ministrados na escola são postos em evidência pelo alunado que se pergunta se realmente o currículo escolar vai ajudar em sua vida. O ensino de gramática e suas regras, por exemplo, é algo que inclusive, escritores, alunos e até mesmo alguns professores, questionam se realmente é necessário na vida social do cidadão. Documentos oficiais como as OCEM (2006), PCN, RCEM-PB (2006), PCN-EM (2000) e autores como Geraldi (2000), Marcuschi (2008), entre outros, não condenam a gramática, defendem o ensino de análise da língua que tenha como foco o texto inserido num determinado contexto



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

de uso, promovendo diversos efeitos de sentidos. A respeito da gramática nas escolas, afirmam os PCN-EM (2000, p. 18-19):

Nada contra ensinar. O problema está em como ensiná-la, em razão do ato comunicativo. A gramática extrapola em muito o conjunto de frases justapostas deslocadas do texto. O texto é único como enunciado. Mas múltiplo enquanto possibilidade aberta de atribuição de significados, devido, portanto, ser objetivo também único de análise/síntese.

A gramática tem seu espaço na sala de aula, mas não deve ser o foco principal no exame/estudo do texto, porque nele existe outros aspectos que valem a pena ser tratados, como a situação de produção, o motivo de produção e circulação, a intenção do autor, para quem se dirige o texto, em que suporte circula, a escolha lexical, e claro, os efeitos de sentidos produzidos tanto pelo autor quanto pelo leitor do texto. Desse modo, o aluno entrará em contato com uma análise linguística de textos que circulam efetivamente na sociedade e começará a sentir que o conteúdo visto em sala de aula faz sentido em sua vida, desenvolvendo habilidades comunicativas, sabendo utilizar a língua para produzir sentidos, atuando de forma satisfatória frente aos artifícios que estão disponíveis para o ato comunicativo/interativo.

### **3 O manual do professor e o LDP: orientação e pesquisa**

É importante que o trabalho desenvolvido pelo professor e pelo livro didático de português seja guiado pelas teorias linguísticas estudadas nas instituições de formação de professores. Isso feito, a comunidade escolar poderá desfrutar de aulas de qualidade, uma vez que a análise do discurso, a linguística textual, a teoria da enunciação e a sociolinguística, por exemplo, estarão em ação, guiando os estudos promovidos pelo livro didático. Segundo Dionísio (2015, p. 82), “os manuais didáticos transitam pelas teorias linguísticas, tentando atender aos critérios estabelecidos pelo PNLD e às diretrizes dos PCN”, a fim de deixar claro para o professor as teorias que estão por trás das escolhas textuais e elaboração de exercícios disponíveis no livro didático de língua portuguesa.



O professor precisa enxergar o livro didático como um material de apoio para servir como objeto de pesquisa para o aluno. Embora o livro didático seja o único material que o aluno dispõe para pesquisa e leitura, nas escolas públicas, ele não precisa ser visto como completo, uma vez que, por conta do espaço, é deixada de lado a exposição de textos na íntegra e colocam-se fragmentos que, na maioria das vezes, servem apenas para se trabalhar aspectos gramaticais ou, em literatura, a ênfase está na classificação literária. Parafraseando Muraro, Dionísio (2015, p. 85), quando se refere ao livro didático, afirma que “o professor deverá sempre ser superior a ele em conhecimento e em desempenho metodológico”, pois precisa perceber seus problemas, e tentar superá-los, completando-o com exercícios ou o acréscimo de outros textos, tendo em vista o contexto social o qual os alunos estão inseridos.

#### **4 Livro didático de português: análise e reflexão**

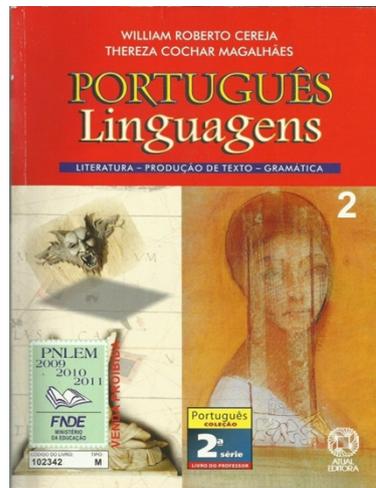
No livro em análise, destacamos a unidade 21, intitulada “Termos relacionais: a preposição e a conjunção”, em que nos debruçamos para a análise da parte relacionada ao estudo dos operadores argumentativos, tratados pelo livro como conjunção, situada entre as páginas 191 e 197. O capítulo pertence ao livro intitulado “Português: linguagens”, volume 2, Ensino Médio (exemplar do professor), de Cereja e Magalhães. O material não possui divisão específica para se trabalhar literatura, produção textual e linguística, os capítulos são expostos aleatoriamente sem seguir uma sequência de divisão conforme a tradição.

**Figura 1:** LD de língua portuguesa *Linguagens*



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



**Fonte:** Acervo do pesquisador

No livro didático de língua portuguesa é comum a presença de problemas no que diz respeito à abordagem dos conteúdos, uma vez que prometem realizar determinadas ações, mas acabam deixando lacunas no seu projeto de ensino. O livro possui uma proposta de abordagem semântica dos conteúdos gramaticais embasado nos PCN e com o objetivo de partir do texto para o trabalho com a gramática, tomando-a como um recurso para se produzir efeitos de sentido. Entretanto, acaba falhando em seu propósito.

O texto a seguir é um trecho do manual do professor (A gramática no texto) destinado ao corpo docente, destacando o que se pretende ao trabalhar os conteúdos proposto pelo LD.

**Figura 2:** Destaque do Manual do professor



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Contudo, enquanto para os PCNs o texto devia ser tomado como o objeto básico de ensino e como unidade de sentido, em muitas escolas o que se notava, e ainda se nota hoje, é o uso do texto como mero pretexto para o tradicional ensino da gramática da frase. Ou seja, se antes frases descontextualizadas serviam de objeto para a teoria e para os exercícios de análise gramatical, hoje, equivocadamente, apresentam-se textos, dos quais são retirados fragmentos para uma abordagem lingüística que não vai além do horizonte da frase. O texto, como unidade de sentido ou como discurso, é completamente esquecido.

**Fonte:** LD de língua portuguesa *Linguagens*

O discurso dos autores do livro didático em análise demonstra que se tem consciência da tarefa inglória ao utilizar o texto apenas para o ensino da gramática sem dá importância para os sentidos que ele pode carregar. Em alguns exercícios, a unidade atende superficialmente ao prometido no manual do professor, mas em outros exercícios esse pensamento não se concretiza como é o caso da atividade da página 196 do livro analisado.

**Figura 3:** Destaque atividade página 196



## Exercícios

Leia a tira a seguir e responda às questões 1 e 2.



(Fernando Gonsales. *Níquel Náusea* — *Nem tudo que balança cai!*. São Paulo: Devir, 2003. p. 46.)

1. No contexto da tira, no 1º quadrinho, o verbo *sonhar* precisa de um complemento.
  - a) Qual é a oração que complementa o sentido desse verbo? *que estava numa sala*
  - b) Portanto, entre a 1ª e a 2ª oração existe uma relação de coordenação ou de subordinação? *subordinação*
2. Se eliminarmos as conjunções *mas* da 3ª oração do 1º quadrinho, teremos: “de repente, a sala não era mais uma sala”. Observe que, nesse caso, a 2ª e a 3ª orações não dependem uma da outra sintaticamente. Então conclua: A conjunção *mas* é coordenativa ou subordinativa? *coordenativa*
3. Releia agora o 3º quadrinho.
  - a) Identifique a conjunção presente na frase dita pela personagem. *tão... que*
  - b) Essa conjunção é coordenativa ou subordinativa? *subordinativa*

Fonte: LD de língua portuguesa *Linguagens*

Numa visão contemporânea de ensino de língua materna, espera-se que seja explorada no texto a leitura, compreensão, interpretação e análise linguística, partindo dos conhecimentos prévios que o aluno tem em mente sobre as informações trazidas em tirinhas como a apresentada acima. Na verdade, ocorre o contrário no exercício analisado, uma vez que o texto é utilizado apenas como pretexto para o trabalho com a gramática, ou seja, a classificação das conjunções em coordenativas ou subordinativas por meio das noções de subordinação e coordenação. Sendo assim, fica claro que o exercício visa apenas à classificação e a identificação das conjunções no texto o que não está de acordo com o que foi expresso no tópico “A gramática no texto” expresso anteriormente do manual didático.

Apesar do livro didático em estudo apontar o texto como elemento principal no ensino/estudo de línguas, ele ainda reproduz problemas condenados pelos PCN e pelo próprio manual do professor que acompanha o LDP: identificar no texto as conjunções e os tipos a que elas pertencem. Ignoram-se elementos extratextuais que condicionam a funcionalidade do material linguístico e que ligam homem e prática social numa validade do texto como elemento singular para a ação discursiva/ideológica promovida pelos efeitos de sentido de ordem tanto semântica quanto pragmática.

Em sua investida didática, o livro dedica algumas páginas para os conhecimentos teóricos acerca das conjunções coordenativas e subordinativas, exemplificando com frases soltas e descontextualizadas, e culmina na formulação de um conceito para esse grupo de conjunções:

**Figura 4:** Explicação Conjunções

As **conjunções coordenativas** ligam palavras ou orações de mesmo valor sintático.  
As **conjunções subordinativas** inserem uma oração na outra, estabelecendo entre elas uma relação de dependência sintática.

**Fonte:** LD Língua portuguesa – Português linguagens

As noções de conjunções acima pertencem ao tópico “construindo o conceito” que visa, através de exemplos de frases soltas e descontextualizadas e exercícios que têm como base textos verbais, não verbais ou mistos; formular o significado das expressões “conjunção coordenativa e conjunção subordinativa”. A respeito desse tópico, no manual do professor consta o seguinte comentário:



**Figura 5:** Orientação do Manual do professor

O capítulo é sempre introduzido por um texto — verbal, não verbal ou transverbal —, que é o elemento motivador para o início do trabalho. Nessa seção, recorrendo a um conjunto de atividades de leitura, observação, comparação, discussão, análise e inferências, examina-se o emprego ou comportamento dos aspectos da língua que serão trabalhados naquele momento. Por meio dessas operações, o aluno é levado a *construir* (se já não o fez no ensino fundamental) ou a *inferir* o conceito em questão, revendo-o agora de outro ângulo. Superada essa etapa, é hora de formalizar o conceito.

**Fonte:** LD Língua portuguesa – português linguagens /manual do professor

De acordo com o que o livro afirma na seção “Construindo o conceito”, o conceito do aspecto linguístico é construído a partir da leitura, comparação, observação, análise etc., do emprego de aspectos da língua estudado. Sendo assim, fica evidente que embora se queira construir um significado para as conjunções, não tomam como base para isso o sentido desse conectivo como um operador argumentativo que funciona como guia argumentativo, direcionando o raciocínio do interlocutor para o sentido que se deseja provocar. Utiliza-se o texto apenas para tentar explicar a funcionalidade dos aspectos gramaticais, usando unicamente um dos ramos dos estudos linguísticos (já consagrado), a sintaxe, e ignorando a semântica dos textos. Percebe-se que o plano de conteúdo da linguagem ainda é posto em segundo plano pelos autores dos LDP que, explicitamente, continuam se apegando à forma.

Portanto, é perceptível que o livro não cumpre com o que promete no tópico “A gramática no texto”, quando toma como base os PCN para dizer que o ensino de línguas deve ser pautado no texto, trabalhado como um elemento que auxilia na produção de sentido em práticas sociais. Ironicamente, o manual do professor, constante no livro didático em análise, afirma que muitas escolas retiravam trechos de textos para se trabalhar a gramática de modo tradicional, enfatizando a sintaxe e deixando de lado a semântica. Em nosso estudo, percebemos que essa cena, condenada pelo manual do professor, é reproduzida em seu



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

material didático, em exercício anteriormente analisado. Decorre que a observação do próprio livro se concretiza nele mesmo, pois os textos utilizados, embora façam referências superficialmente ao seu sentido, servem apenas para, através de exercícios tradicionais, trabalhar a gramática. Portanto, o capítulo analisado do livro didático não realiza o que promete por inteiro. Em muitas de suas partes, não utiliza o texto para a análise linguística, mas sim como mero pretexto para a análise gramatical descontextualizada da situacionalidade em que se inserem texto e sujeitos em práticas socioculturais.

### **5 Considerações finais**

A comunidade escolar está repleta de alunos que estão em constante experiência com os diversos gêneros textuais convencionais e emergentes do meio em que vivem. Cabe ao professor selecionar textos para as aulas de língua portuguesa cuja leitura possa propiciar nos alunos a aquisição e aperfeiçoamento de habilidades na construção de sentido. O corpo docente precisa elaborar as aulas de língua materna de modo que crie no aluno a sensação de que os textos que ele utiliza nas diferentes situações comunicativas e processos enunciativos de seu cotidiano são estudados em ambiente escolar buscando entender o emaranhado de elementos como ideologias, polifonias, intertextualidades, intencionalidades bem como elementos linguísticos e extralinguísticos que contribuem para o texto como unidade de sentido.

Para a realização de um trabalho de qualidade com o gênero discursivo, é importante que o material didático seja orientado por um manual didático que direcione a prática pedagógica realizada no LDP com pensamentos contemporâneos linguísticos de modo que possa promover o ensino/estudo do sentido do texto e da análise linguística. Entretanto, a unidade analisada do livro didático não realiza o que promete por inteiro e deixa a desejar em muitas de suas partes, não utiliza o texto para a análise linguística da língua, usa-o como mero pretexto para o ensino da gramática tradicional visando o aprendizado de regras, classificações e identificação da classe de palavra conjunção.



# II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## Referências

BRASIL. Secretaria do estado da Educação. Conhecimentos de língua portuguesa. *In: Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias.* Brasília. Ministério da educação, 2006.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.** Parte II: Linguagens e suas tecnologias, 2000. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14\\_24.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf)> Acesso: 09/08/13.

CEREJA, Willian Roberto. MARGALHÃES, Thereza Cochar. **Português, linguagens: literatura – produção de texto – gramática.** Volume 2. 5ª ed. São Paulo: Atual, 2005.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Livros didáticos de Português formam professores? *In: O livro didático e a formação de professores.* 2015. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol1b.pdf>> acessado em: 03/03/2015.

GERALDI, Wanderley. Unidade Básica do ensino de português. *In: GERALDI, Wanderley. (Org.) O texto na sala de aula.* 3. ed. São Paulo. Ática, 2000.

GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da semântica linguística.** Ijuí: ed. Unijuí, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, Análise de gêneros e compreensão.** Parábola, São Paulo: 2008.